

POEMAS DO MOMENTO ANGUSTIADO

Flávio Tallarico

1963

Copyright (C) by Flávio Tallarico

Todos os direitos reservados ao autor.

Proibida a reprodução parcial ou total, sem prévio consentimento do autor.

Tallarico, Flávio - 1941 -

POEMAS DO MOMENTO ANGUSTIADO

Poemas / Flávio Tallarico

1- Poesia brasileira. I - Título

Editora do Autor - 1963 São Paulo SP Brasil

LIVRO: POEMAS DO MOMENTO ANGUSTIADO

Editado em 1963 – Esgotado

Nota do autor:

“Um rápido esclarecimento; as poesias estão em ordem cronológica. De 1960 a 1963. Porque o livro? Não há razão. Nem para o livro, nem para o poeta, nem para a poesia. Se houvesse razão eu já a teria encontrado e tudo se definiria. Então eu seria outro. Mas não há razão”.

Quando conclui isso, cheguei a desesperar-me. O mundo tão mundo, sem razão. A vida tão breve, sem razão. Rebelei-me. O preço da revolta e dos recalques, foi a angústia. — Talvez tenha surgido daí o poeta em mim.

Desde então, neurótico e angustiado, ‘desfolhei minha alma em versos’.

Com o acúmulo de poesias, vi definir-se a possibilidade de realizar um sonho de há muito de há muito alimentado: o de publicar um livro. Resolvidas as dificuldades de ordem financeira e vencido os obstáculos, eis o livro.

Maiores explicações são desnecessárias, quando não inúteis, pois, nada melhor que a poesia para explicar o poeta. E a poesia aí está. Boa ou má, aí está. Talvez nasça com o livro um poeta. Talvez morra. De qualquer forma porém, eis o meu livro. Eis um pouco de mim.”“.

Flávio Tallarico

Prefácio:

“O moço poeta, Flávio Tallarico, com 22 anos, nascido em Descalvado, São Paulo, já disse dos motivos que o levaram à prática da poesia e, conseqüentemente da publicação deste livro.

Não foi à toa que ele escolheu o título de ‘Poemas do Momento Angustiado’. Toda sua poesia é feita de gritos e desabafos, através dos quais, a sua angústia pessoal e íntima pede passagem.

O jovem poeta, funcionário público, insatisfeito consigo próprio e com a situação do mundo, num hai-kai jocoso, assinala sua condição:

*‘O governador decreta:
mais trinta por cento de aumento
na angústia do poeta’.*

De novo, o tema angustiado reaparece, como num ritornelo, na poesia deste jovem que, interiormente, não suportando a carga de suas neuroses, rompe com elas, gritando , com certo sarcasmo, as suas insatisfações, os seus desejos, suas buscas e procura.

E isto, em todos os ritmos, sempre foi matéria para se fazer poesia, e o jovem Tallarico, muito rico em agonia e inspiração, em talento e facilidade, vem mais uma vez comprovar que a poesia não nasce, nem brota da felicidade.

O que mais impressiona e cala fundo na poesia desse moço rebelado é justamente a tônica pessoal de sua angústia, aqui gritada e vazada em versos soltos, em achados poéticos, em ingenuidades gostosas, em lirismos sofridos, tudo isto constituindo, no fundo, uma forma de libertação e autodomínio.

A angústia de um moço pede passagem e só a poesia, contida neste caderno, registra e configura para o mundo a mensagem do seu grito de amor e desespero”.

Paulo Dantas

Dedicatória:

Aos de minha família:

Meus pais, avós, tios e primos.

Aos que me cercam:

Amigos de ontem e de hoje.

Aos meus amores:

Às namoradas que não conheço.

Para a menina dos olhos de fumaça.

POEMA DO MOMENTO ANGUSTIADO

Não há decisões a tomar.
A vida passa a cada minuto.
Resta-me apenas viver
e esperar.

O consolo de nada adianta.
Tivesse fé ao invés de angústia:
daria na mesma.
Uma palavra de carinho
valeria agora menos
que uma bofetada.

Os amigos mais dedicados
já compreenderam
que nada resolvem
e se isolaram
nas próprias vidas.

Não há gestos nas mãos
e a boca não mais sorri
nem os olhos choram
pois sabem que tudo resulta
inútil.

O coração descompassado
perdeu o ritmo da vida.

Apenas a cabeça pensa
mas não compreende
a ordem natural das coisas
desordenadas.
Uma tempestade me abate.
Há um dilúvio em mim

e tudo em mim perece.
Sou náufrago em mim mesmo
sem tábua de salvação.

Já se afogou a esperança,
já se afogou o amor.

Apenas eu, barco vazio,
e este verso, talvez,
o grito agonizante
da angústia.

Não penso e nem digo nada,
nem mesmo me desespero.

Nas águas da tempestade
nenhum ramo virá boiando
para anunciar a chegada
da terra tão prometida.

Sou pássaro a quem cortaram as asas,
viajante ao qual todos os caminhos
são proibidos.

Sou aquele que não é
nem nunca desejou ser.
Entretanto existo.

* * *

O NASCIMENTO

Era uma vez,
num país muito distante...

Uma estrela ensinou aos magos
o caminho

e eles levaram presentes.

(Foram os primeiros papais-noéis
de que se têm notícias).

* * *

A ALGUÉM

Ainda ontem, ao voltar para casa,
lembrei-me de você
e sentei-me na mesa para jantar.
Mas não a esqueci
e perdi a fome.
Depois fiquei a pensar
se os apaixonados
morrem de amor
ou de fome.

* * *

SUICÍDIO

Escuta aqui meu bem:
se um dia eu morrer
não vá chorar.
É só lembrar-se de que se você morresse primeiro
eu não choraria.

(Mas daria um tiro no ouvido).

* * *

BURRICE

Te vi, me viste,
fiquei olhando, olhando...
sorraste, casamo-nos.

Depois, ao ver-te em casa falando,
fiquei novamente olhando...
(Como é que fui tão burro?)

* * *

OS DOIS AMORES

Você sabe, meu bem,
que eu tenho na vida dois amores?
Um é você.
O outro
é o gatinho branco que você me deu.

* * *

PAISAGEM

Ao mar uma caravela,
uma caravela ao mar.
Amar uma cara velha,
uma cara velha amar.
Amar velhas caras,
velhas caras ao mar,
caras velhas amar ao mar.
Caras velhas ao mar,
velas caras amar.

Amar, cara Vera,
ao mar cara Vera,
cara Vera, ao mar.
Caravela ao mar,
ao mar uma caravela.

* * *

REFEIÇÕES E DESCANSO

No almoço, almoço.
No jantar, janto.
Na hora do café, tomo chá.
Na hora do chá, tomo café.
Vou deitar-me à hora que quero
e ninguém tem nada com isso.

* * *

O SINALEIRO

ao prof. Mário Franceschini

O sinaleiro trabalha:
ri verde, amarelo, vermelho.
O trânsito parou
porque o sinaleiro
ri demoradamente
com sua risada vermelha.
Agora são os pedestres
parados, petrificados, impacientes,
porque o sinaleiro ri verde.
O sinaleiro irrita os carros
que começam a buzinar.
Vermelho
mas o carro passa:
D E S A S T R E.

O sinaleiro ri amarelo
e continua a dirigir
uma cidade apressada,
uma cidade ansiosa
para chegar ao trabalho
com pouco tempo de atraso.
Que seria do mundo sem o alegre sinaleiro
incansável em seu posto
com suas luzes multicores?
As vezes eu me pergunto
porque não nasci sinaleiro.
Ficar numa esquina parado
a gritar “Alto lá! Agora passam os pedestres.
Atenção: livre.
Atenção pedestres: agora podem passar”.
Ah, que bom, eu ficaria
a berrar uma vida inteira
em uma esquina qualquer
onde passassem morenas boas.
Será que eu não consigo
o emprego de sinaleiro?

* * *

POEMA DA CARACTERÍSTICA

Na tábua de logaritmos
fui procurar nosso amor.
Eu era pobre mantissa
vivia só, sem valor,
mas achei a característica:
você,
e na base do carinho
achei o log de sua alma
e elevei-o ao cubo:
nosso amor logo aumentou.
Mas você, como uma ingrata,

dele achou a raiz cúbica
ficou tudo igual a zero.
Terminou o nosso amor.

* * *

O EMPREGO E O TEMPO

Se o meu relógio atrasa
chego tarde ao serviço.
Se ele adianta
encontro o escritório ainda fechado.
Se ele anda certo
chego em cima da hora.
Agora estou resolvido:
ou jogo fora o relógio
ou largo o emprego.

* * *

VÁCUO

No dia em que você me deixou
eu fiquei todo vazio.
Minha alma ficou vazia
e meu estômago também
porque perdi o apetite.
Não tinha coração, intestinos, nada.
A saudade que eu tinha de você
devorou todas as minhas vísceras.
Eu estava leve, flutuava...
Achei meu quarto vazio,
o mundo vazio.
Minha cabeça vazia
já não pensava.
Tentei escrever estes versos
mas eles saíram vazios.

Tudo o que eu faço é vazio.
O único que deve estar cheio
é você que lê esta poesia
porque você não tem nada a ver
com todo o meu sofrimento
com o meu mundo vazio
com a mulher que me deixou.
Mas você não compreende
o que é estar vazio?
O vazio é o nada,
a completa ausência de ser,
a solidão, o abandono.
E tudo isso reunido
juntamente com a saudade
corroem a gente por dentro.
Agora você compreendeu?
Porisso é que para mim
o mundo agora é vazio
os meus versos são vazios,
a garrafa de whisky está vazia.
Quanto a mim, já nem estou vazio.
Estou, isto sim,
completamente oco.

* * *

A ESCADA DOS SONHOS

Escadas pequenas, grandes, altas, baixas.
Tudo é escada.
Escada d repartição,
escada rolante,escada de igreja,
escada de pedreiro,
escada da glória.
Mas de todas as escadas
a única que eu invejo
é a escada do instituto de beleza.

Esta sim eu invejo, degrau por degrau,
pois ela fica o dia inteiro
olhando as coxas brancas, morenas,
coxas raspadas, finas e grossas,
das mulheres que lá vão se embelezar.
Eu não ficaria nada sentido
de ser pisado constantemente
por pés que fossem femininos,
contanto que eu visse coxas,
porque as coxas, nas mulheres,
são das coisas as mais belas.

Será que permitiriam
que eu montasse um instituto
de embelezamento de coxas?

* * *

POEMA TENTANDO EXPLICAR UM SUICÍDIO

Ontem, deitei-me e adormeci.
Adormeci e sonhei.
Sonhei que era o mar
e quando você veio à praia
eu logo me apaixonei.
Ordenei então que as ondas
fossem beijar os seus pés
e mandei a fresca brisa
murmurar em seus ouvidos
belas palavras de amor.
Então lhe ofereci meu reino:
você transformou-se em sereia
e nunca mais me deixou.
Depois, sonhei que era o céu
e quando você surgiu
eu lhe ofereci estrelas
e um leito branco de nuvens:

você vestiu-se de lua
 e veio morar comigo.
 No outro sonho que tive
 eu era rei poderoso
 e você uma plebéia.
 Lá de minha carruagem
 avistei você na rua.
 Levei-a para o palácio
 e lhe ofereci meu trono.
 Você tornou-se rainha
 e eu, o rei mais feliz.
 Enfim, sonhei que eu era eu mesmo
 e quando você surgiu
 não pude lhe oferecer
 alguma coisa sequer.
 Você passou tão depressa
 nem em sonho olhou pra mim.
 Foi então que descobri
 que eu era o mais desgraçado
 de todos os homens da terra.
 S U I C I D E I – M E
 (em sonho).

* * *

O POETA EMBRIAGADO VÊ UM DIA DE CHUVA

Chove suavemente.
 As gotas de água caem do céu
 como se fossem lágrimas que caíssem
 dos olhos de uma mãe
 (tão suaves elas eram).
 Por toda a terra havia
 um não sei quê.
 Tristeza não era
 nem nostalgia.
 Era um estado de alma diferente.

Parecia que todos acreditavam
que o céu estava chorando
e ficavam todos em casa
a cismar sobre o motivo
que fazia chorar a natureza:
estavam todos confusos.
Alegria o mundo não conhecia
nestas horas tão lentas.
Somente eu, pela chuva,
cantava e estava alegre.
Eu então era diferente
de todo o resto do mundo.
Só eu é que não compreendia
que a natureza chorava.
Também a esta hora da noite
só eu é que estava alegre
e que saía à rua.
Mas vai ver que em todo o mundo
com uma chuva tão triste
só eu é que estava bêbado.

* * *

O POETA TEM FALTA DE AR

O homem precisa de pulmão de aço.
O ar que ele respira já não presta.
É mal cheiroso, infectado,
cheio de bacilos, poeiras, esperanças.
E como se isso não bastasse
as estações de rádio enchem o ar
de vozes desesperadas
que saem do transmissor
em uma louca corrida
procurando um rádio amigo
onde se desabafar.
E agora a televisão:

cinema dentro de casa.
Os homens sofrem dos pulmões:
tuberculose, asma, bronquite,
falta de ar.
O ar está sendo expulso da terra
pelo progresso da ciência.
E a minha inspiração
que está toda no ar,
também está sendo expulsa.
As vozes de minha musa
estão sendo substituídas
pelas vozes do rádio.
A imagem que me inspira
não é imagem de mulher,
é de televisão.
Minha mente está confusa,
eu não entendo mais nada.
Vamos, desligue esse rádio
e essa televisão
que estragaram a poesia.

* * *

O POETA E A MÁQUINA

Era atômica. Progresso.
sputniks, satélites artificiais,
rádios portáteis, televisão portátil.
Tudo está se simplificando.
Basta te dinheiro
para ter amor.
Compra-se atualmente
com grande facilidade
grandes amores.
Amores eternos
se o dinheiro for eterno.
Aviões a jato, supersônicos,

alta fidelidade, long-plays,
tudo é sintetizado.
Doze discos em um só disco.
Doze amores em um só homem,
ou doze homens e uma mulher.
Como tudo está tão simples.
A música é bossa-nova,
a poesia é concreta,
o poeta é portátil.
Logo anunciaremos
com toda a simplicidade:
“quem quer comprar um poeta
de alta fidelidade
amor estereofônico
inspiração supersônica
que escreve muito bem
algumas poesias atômicas
sobre amores sintéticos?”
E isto será tão simples
porque bem logo o poeta
será uma máquina portátil
que faz poesia na hora.
O mundo está progredindo
e o poeta evoluiu
de maneira espantosa.
Só agora é que eu percebo
que já não há mais poetas.
E os versos? todos dirão.
Ah, os versos de agora
são feitos por um poeta
que não precisa de inspiração
mas de um pouco de graxa.
O poeta de agora
é um cérebro eletrônico.

Mas veja bem,
não sou máquina.

Porisso, não sou poeta.

* * *

DA VIDA

Seria absolutamente necessário
eu ter nascido poeta?

* * *

POEMA DE QUEM ESPEROU POR ALGUÉM

Eu me lembro tão bem
daquela noite à beira do mar...
O céu estava tão alegre
que se encheu de estrelas.
O mar lavara tão bem a praia
que ela estava branca
qual lençol de areia
carinhosamente bordado de espumas
pelas ondas do mar.
a lua chegou um pouco atrasada
na noite do nosso encontro mas para compensar
apareceu bonita
e com ela
a silhueta negra dos rochedos
atrás dos quais o vento se escondia
arriscando-se a sair de vez em quando
em forma de fresca brisa.
Posso jurar-lhe que jamais
a noite fora assim tão bela.
(E pensar que você não veio ao meu encontro).

* * *

POEMA ESCRITO APÓS O DIA DAS MÃES

Um poeta quis fazer um verso
para oferecer à sua mãe.
Seria algo de si.
Pensou incessantemente
mas seu esforço foi em vão.
Chegou o dia esperado,
chegou e desesperar-se,
mas enfim se conformou.
Pensou:
a vida de poeta é mesmo assim;
nem sempre está inspirado.
Mas inspiração maior que uma mãe?
O poeta entristeceu,
mas decidiu que mesmo triste
iria ver sua mãe.
Não levaria nenhum verso
ou presente material.
Iria apenas abraçá-la,
dizer-lhe coisas bonitas
para mostrar sua gratidão.
Mas ao chegar à sua frente
o poeta calou.
Uma grande alegria
de ainda ter sua mãe
deu-lhe um nó na garganta:
o poeta chorou...
E as lágrimas que derramava
ao abraçar sua mãe
era presente melhor
que os versos que ele buscou
durante noites a fio.
Pois, neste instante sublime,
o poeta fazia versos com lágrimas.

* * *

DIVAGAÇÃO

Nas noites escuras de minha vida
os insondáveis caminhos do nada.
Uma rua deserta vai para o além
em direção à terra do nunca mais.
E o medo de enveredar por essa rua,
ficar perdido no vácuo...
As luzes da saudade são tão fracas
nos altos postes da imaginação
que vejo apenas sombras,
indistintas, sem contornos,
a vagarem errantes em minha existência.
Será sua esta silhueta
que acena para a vida
dando adeus à realidade?
Será sua, meu Deus
essa silhueta?

* * *

DÚVIDA

Seria a minha vida um deserto
e eu beduíno sedento de amor
tentando encontrar o oásis da felicidade
que um dia, como uma miragem,
vi refletido em seus olhos?

Ou seria minha vida um oceano
e sua alma praia distante
para onde envio ondas de esperanças
que se arrebatam em mil gotas de lágrimas
contra o rochedo do seu coração?

Não sei...

* * *

HORAS DISPERSAS

Um relógio solto no tempo
ritmava a fuga da vida
e as horas que escoavam rápidas
eram pássaros que apenas iam
perdendo-se no amanhã.

Após a dispersão das horas
só o passado permaneceu.

* * *

ABANDONO

Na alameda onde passeavam sonhos
nenhuma presença.

Somente árvores tristes
de galhos desnudos
recém abandonados na estação da ausência.

O vento frio leva apressadamente
as folhas mais tardias.

* * *

NOTURNO

A luz dos postes,
os faróis dos carros,
os luminosos,
meus nervos molhados pela garoa.

Os homens de capa e chapéu
e as mulheres:
casais de fantasmas na noite.

.....
A lua boiava numa poça d'água.

* * *

SERENATA

Maculando o silêncio da noite
a música era a evasão da angústia
e os sons que se sucediam tristes
penetravam os sonhos.

As casas apagadas escutavam
e compreendiam.
Minutos após o mesmo silêncio
quebrado quando em vez
por um ladrar distante.

Na melancolia da madrugada
seus olhos de fumaça insistiam.

* * *

HÁ...

Há uma inexplicável ausência em minha alma
que se prolonga pela minha vida
como o plangente som de uma lira triste
na madrugada.

Há um enorme espaço em minha volta
onde o frio, o vento, a dor, a vida,
estão ausentes.

Há um lugar além, em qualquer parte,

onde seres em busca do inatingível
caem fatigados.
Há um silêncio
onde cortinas negras de negros mármore
fecham o desconhecido.
Há uma esperança brincando no ar
como criança despreocupada
brincando com a vida.

.....
Se eu fosse essa criança...

* * *

DESPEDIDA

A nau que se afastava ligeira
em busca de novos mundos
levava as últimas esperanças
dos que ficaram
e as lágrimas eram incontidas
até nos rostos de mármore.

Gaiotas feitas de nuvens
pairavam no horizonte
entristecendo a paisagem.

No cais,
os lenços agitados pela saudade
transmitiam a derradeira mensagem.

* * *

POEMA ESCRITO PARA O ANIVERSÁRIO

DE ANA ROSA (em 10 de junho de 1962)

Dedicatória:

à Ana Rosa

menina moça

de um conto de fadas.

A legria no céu, no mar, na terra.

N a natureza toda, só alegria.

A legria enorme o universo encerra.

R esponda-me, ó rio, ó flor, ó fonte,

O nde a razão de tanta polvorosa?

S ois infeliz, poeta, não recordas?

A niversário, hoje, de **ANA ROSA**.

Lembrando-se de Ana Rosa

o poeta se inspirou

e como o céu,

a terra,

o rio, o mar,

enfim

a natureza

o poeta se alegrou.

Um passarinho nesse dia

fez uma linda canção

e ensinou-a a fonte

que um pouco desafinada

ensinou-a para o rio

e o rio com sua voz grave
desceu cantando a canção
por todo o seu percurso
indo ensiná-la ao mar
e o mar ensinou às ondas
e as ondas às sereias
e todos fizeram coro
e cantaram em uníssono
a canção de Ana Rosa.
Depois pediram ao poeta
que fizesse alguns versos
para serem oferecidos
à Ana Rosa.
E pediram mais ainda:
que o poeta cumprimentasse
em nome da natureza
a bonita Ana Rosa.
E o poeta compenetrado
do dever que lhe impuseram
veio cumprir a missão.
Em nome de meus amigos,
de teus amigos também,
do céu, do mar e da terra,
do rio,
da fonte,
da flor,
do alegre passarinho
que compôs tua canção,
em nome em fim do universo
desejo-te felicidades.
Meus parabéns, ANA ROSA.

* * *

CIDADE GRANDE

Os carros passando nervosos

os pedestres passando nervosos
o guarda de trânsito apitando nervoso
e a multidão desconhecida
alheia aos seus semelhantes
vivendo problemas íntimos.
A liquidação de roupas feitas
cegos pedindo esmolas..
Manchete de jornal:
MORTO A TIROS PELA AMANTE.
A sirene da ambulância
avisa a toda a cidade
que é preciso, e com urgência,
salvar uma vida.
Meretrizes vendendo o corpo
para sustentar o corpo.
O sol tentando em vão pular os edifícios
e misturar seu calor
com o calor da multidão.
Depois à noite os luminosos
uma lua diferente
os amores diferentes...
Como está chia de poesia
a cidade grande.

* * *

AUSÊNCIA

Nas praias inacessíveis
somente as areias virgens
afagadas pelas ondas:

o vazio era a vida

e o monótono sussurro das vagas
aumentava ainda mais

a sensação do nada.

O sol temendo a noite próxima
recolhia seus últimos raios
que brincavam no seio das nuvens
deixando-as ruborizadas.

Naquela tarde de pedra
uma alma deprimida
era a única estranha presença.

* * *

NA NOSSA NOITE

Haverá lua e estrelas,
outros casais apaixonados
nós.

Haverá revelações,
momentos,
e palavras sussurradas

e antes que o dia chegue
a despedida.

* * *

CALMA

A tarde passeava preguiçosamente pelo jardim
onde os bancos vazios esperavam
a chegada da noite.

algumas nuvens esparsas
cruzavam o céu a galope
cavalgando o vento.

Nenhum ruído,

nenhum desejo.

Nos vitrais fronteiros da Matriz
os raios de sol se partiam
em mil contas coloridas.

Às vezes alguém passava distraído
cruzando por entre os bancos,
mas continuava.

Ninguém, a não ser eu,
se interessava pelo sossego
daquele instante de vida.

E eu, sozinho na praça
tinha a alma em suspenso:
pensava, olhava, não via.

Uma coisa assim como splim,
permanecia, atormentava.

Talvez se você chegasse
e sentasse ao meu lado,
eu voltasse a sorrir.

Mas como sempre acontece
você não veio...

* * *

FIM DE JULHO

As aulas e o trabalho,
o corpo acostumado ao ócio,
a tristeza de partir,
à vontade de ficar.

Saudade de todas as tardes
os cafés com o baralho,
os discos, as brincadeiras, e à tardinha a fanfarra.

E os passeios pelo morro
que tinham o sabor de aventura?
A pescaria no rancho:
os homens limpando peixe
e as mulheres no baralho...

As garotas, ah, as garotas,
todas alegres chegando
todas alegres saindo
e eu saindo com elas.

Aos domingos o cinema,
depois o clube ou jardim
ou ainda o “murinho”.

Porém o tempo invejoso
pôs as horas a correr:
as horas levaram os dias
e julho chegou ao fim.

Terça-feira, três da tarde,
chego de mala, pacotes:
— “Por favor uma passagem”.
de Descalvado a São Paulo “.
— “Quer o doze ou o treze?!”
Tem também o vinte e oito”!
— “Dê-me o treze, ou melhor,
pode me dar qualquer um.
É preciso que eu me vá”.
O ônibus funcionando
(como estava quente o ônibus)
o barulho do motor.

As mãos espalmadas no ar
e os rostos na janela.

A igreja foi sumindo,
as casas foram sumindo...

— “O senhor teria um fósforo?”

O passageiro a meu lado
tinha um ar folgazão.
Acendi-lhe o cigarro
e ele começou a falar.

Eu ouvia paciente
mas não prestava atenção
absorto em mim mesmo.

Talvez pensasse...

* * *

ONTEM

Os pés de vento, descalços,
correndo atrás da vida, levando as esperanças
nas calças curtas

Todas as manhãs bem cedo
calça azul, camisa branca,
bolsa de couro curtido,
caderno de folhas pautadas,
cartilha do A B C
e uma vontade imensa
de ir jogar futebol.

A carteira, o quadro negro,
a professora falando

no futuro do Brasil
que um dia Cabral descobriu
para eu nascer brasileiro
e eu era esse futuro
como ela mesma dizia.

O estilingue na mão
arremessando pedras no amanhã
fechado atrás das vidraças.

O jardim velho, assombrado,
pondo a coragem à prova,
desafiando os heróis
do mundo de fantasias
que cada criança descobre
em si.

Os cabelos da Zazu
por quem eu me apaixonei
sem ela nada saber:
aí eu já era poeta
pois amava à distância.

O papagaio de seda
tinha as cores da saudade
e essas cores ficaram
e tingiram a minha alma.

Os balões de São João
pegando fogo no ar
queimando a alegria
que havia escapado
da explosão do rojão.

O enterro da Joaninha
que Deus chamou pra ser anjo.
(Sua mãe não compreendeu

e chorou desesperada).

Depois eu chorei também
porque queria ser anjo
e Deus nunca me chamava.

As orações de minha mãe
todas as noites no quarto
embalavam o meu sono.
(Hoje meu sono é pagão).

EPÍLOGO:

As calças curtas cresceram
e as velinhas do bolo
apagaram-se no tempo
como a chama da infância
que a vida um dia soprou.

* * *

QUANDO SETEMBRO VIER

vai encontrar-me como sempre,
estacionado,
ainda mais pessimista
e menos poeta.

Se ao menos na primavera
eu me tornasse daltônico
talvez o mundo mudasse
com as novas cores
das flores.

Mas sempre os mesmos canteiros,
as mesmas rosas e cravos,
o mesmo gosto de nada

nos teus olhos de fumaça,
o mesmo mesmo,
o mesmo nem se o quê.

E como se tudo isso não bastasse
essa mesma pressa inútil
de chegar nos mesmos lugares.

* * *

PRELÚDIO QUE A NOITE ESCREVEU

A imobilidade das coisas
atrofiou o canto dos brejos
e o barro secou no rosto do viandante
enrugando-lhe as faces.

O vento abrigou-se nos rochedos
e contou-lhes o segredo
da virgem morta nos braços
dos caminhos.

A treva abortou um lamento
que era o canto dos grilos
afogado nos regatos.

No silêncio das estrelas,
só o coaxar dos sapos
tinha sentido
porque a própria lua se olvidara
da noite.

* * *

PRESENÇA

Quando os caminhos clamaram
a tua passagem,
foste sura aos apelos da voz
e os caminhos te viram passar
e te imploraram.

Os momentos, os sonhos, a imagem
ficaram todos no lago
dos olhos.

O vento tentou em vão
soprar o pó que ficou
na escada.

Nem mesmo a chuva fria
lavou a impressão de teus pés
no beiral da porta intransposta.

* * *

PASSADO

A janela aberta no quintal
mostra apenas o que sonhamos
e o que não fomos.

Muitas foram as tardes
esquecidas no vazio das horas
que não vivemos
mas que ficaram.

Mesmo as luas que passaram
sob as estrelas,
não viram a imobilidade
dos corpos abandonados

em êxtase

e os ventos que passaram nos trigais
já sem vida,
levaram as recordações
pintadas no amarelo
da aurora.

* * *

MOMENTO QUALQUER

Os muros asfixiados pela hera
anteviam a precipitação das horas
no surdo cantar do pássaro libertado.

Pelas cortinas descerradas
das casas,
o silêncio filtrado
da tarde,
era recolhido no cristal
das taças.

(Houve um instante
que não houve vida).

Mas quando o poente esvaiu-se em sangue,
lentamente,
na espera angustiada da hora
o fogo consumiu os segundos
no misterioso crepitar
da lenha seca.

* * *

A GRIPE

(Agosto de 1962).

— I —

Uma noite mal dormida,
os arrepios de frio,
o catarro e a tosse.

A cabeça, ai a cabeça,
estava grande, enorme,
e doía, como doía.

Mas o pior de tudo isso
é ter que passar a roupa
e depois ir trabalhar.

Mas, enfim...

— II —

NO TRABALHO

Serviço e mais serviço:
papel,
papel,
papel,
e a máquina batendo
num ruído infernal.

A tarde veio chegando,
a gripe foi piorando.
Deixo o emprego mais cedo
louco pra chegar em casa.

— III —

NA RUA

Saio na rua, aéreo,
a cabeça flutuando,
doendo,
doendo,
doendo...

O bonde passa correndo
dentro da minha cabeça
percorrendo os meus nervos.

As ruas, como esticaram,
todas compridas, tão longas,
e todas cheias de gente,
andando,
andando,
andando...

— IV —

EM CASA

Ah, enfim o apartamento
e a cama acolhedora.

Tosse,
tosse,
tosse,
tosse,
e agora a dor de garganta.

Tomo um comprimido e deito.
Outro arrepio de frio
e começo a tremer.

Um cobertor e mais outro,
o frio a tosse, o calor.

— V —

A FEBRE

O calor foi aumentando,
o suor foi aumentando,
respiração ofegante.

O termômetro marcando:
febre, quarenta graus.

— VI —

O DELÍRIO

Agora tudo tão grande,
girando,
girando,
girando,
esferas, cubos, espirais,
a fumaça, taças e copos,
a roda-gigante virando,
os rostos desconhecidos,
olhando, rindo, gritando,
tudo tão grande, estranho;
só aquelas mãos...

Aquelas mãos eu conheço.
Mãos de carícias, ternuras,
tão brancas as tuas mãos
com anéis espirais e dedos.
Os dedos de tuas mãos
que eu não pude segurar,
que fugiram pela janela

do tempo,
como asas agitadas
por pássaros viajantes,
acenovam e cresciam
virando a roda-gigante,
virando a minha cabeça.

.....

Asafen, melhoral, salofeno.

A gripe foi melhorando
o delírio foi passando...

— VII —

AGORA

Foi-se a gripe, foi-se a febre
a dor de cabeça e garganta.

Ficou um pouco de tosse
e uma vontade imensa
de voltar a delirar
só para ver tuas mãos.

* * *

MEDITAÇÃO

Hoje, fiquei imaginando:
perdi mais um fim de semana.

Mas o que importa isso
para quem perde a semana inteira,
o mês inteiro, o ano?

Ser poeta
e sentir a inutilidade da vida;
ser poeta
e saber apenas imaginar o amor;
ser poeta
e viajar de carona
ficando na “pindura” antes do fim do mês,
comendo na pensão
lavagem de primeira.
(O estômago de poeta aceita tudo;
é mais resignado que o coração).

Ser poeta
e sair um sábado sozinho
sentindo a alma assim,
resolvendo de repente,
atraído por uma vitrine,
comer um doce gostoso.
Comprou, comeu, gostou;
adoçou a boca
mas não a vida.

E anda, e pensa, e vai.
Vai o sábado, o domingo,
a esperança
e a vida,
lentamente escorregando
pelos poros, pelos dedos
do pé, cansado de tanto andar.

O poeta sente-se inútil
e a poesia se inutiliza.

O poeta sente-se ridículo
diante do mundo.

em plena segunda-feira gorda

o poeta com dor de cabeça
não suporta fazer nada.
Mas o poeta é teimoso
e tenta escrever uns versos.

— II —

E nos tempos em que eu falava de amor?

Quantos versos foram arrancados
dos sonhos.
Às vezes até acho graça,
me acho mesmo ridículo,
lendo os versos de outrora.
Mas naquele tempo eu sonhava,
ainda podia sonhar...

Um dia chamaram-me ao Exército:
dispensado, classe C.
— “Rapaz, você agora é homem.
Nada de sonhos, ilusões.
Viver a vida”.

Ser homem é ser diferente
de ser humano?

Não sei.
Só sei que de repente
eu não falei mais de amor.

Mas é que na época atual
a grande falta de açúcar
impossibilitou o amor
de ser doce como antes.

Os diabéticos é que estão bem:
podem amar à vontade.

— III —

Sim, pode ser.
Talvez eu esteja assim
por causa da chuva que cai
desde hoje de manhã.
A umidade que trago nos olhos
é da chuva, não da alma.
Pensou que eu havia chorado?
Não, há muito tempo que eu não choro.
Mas também, chorar porque?
Por amor? Bobagem.
Se eu um dia chorasse
seria pela vida que sonhei
e que não pude viver.

E eu sempre a me sentir diferente.
Aquela ânsia de viajar
já não embala os meus sonhos
agora acomodados.
Viajar cansa, viajar aborrece,
e conhecer outras gentes
é sentir novas saudades
pois ir, é ter que voltar.

Houve um tempo em que eu ia a bailes
porque gostava de ir a bailes.
Hoje não sinto mais vontade.
Vou porque todos vão
porque acostumei a ir.
Vou porque gosto de beber
numa noite diferente
das outras noites.

Bebo porque é gostoso,
porque volto para casa

“alegretto ma non troppo”
pisando duro no chão.

Que fora a vida
se não houvera a bebida.

.....

Não sei se vocês repararam
mas vida rima com bebida.

* * *

QUALIDADES INÚTEIS

— I —

MÚSICO

Toco violino,
toco saxofone,
toco clarinete.

Só não aprendi
a tocar a vida.

— II —

POETA

Escrevo versos
escrevo poemas,
escrevo cartas para as namoradas.

Mas as namoradas do poeta
sabem que ele tem outras namoradas
e não respondem as cartas.

No coração do poeta
a tristeza de cartas sem respostas.

— III —

LOUCO

“De músico, poeta e louco,
todos têm um pouco”.

Sou músico,
sou poeta,
sou louco.

Sou completo.

D U V I D O !

* * *

DIFERENTE

Todo o dia igual.
Tudo muito igual.

Qualquer dia destes
quando eu estiver com fome
eu entro em uma farmácia
peço um bife com molho de chaves,
um chá de folha de zinco
e como sobremesa

uma melancia.

O dono da farmácia me chamará de louco
e eu brigarei com ele,
com o caixeiro, o caixa,
brigo até com os fregueses.

Na certa virá a polícia
e eu acabo indo preso.
Mas será tão diferente...

* * *

NOTURNO TRISTE Nº I

Numa noite chuvosa
de um tédio enervante,
numa dessas noites
que convinham ao suicídio
justamente nesta noite,
eu não pensava em suicídio.

* * *

NEUROSE

“você precisa tomar cuidado
ou vai acabar neurótico”.

Vou acabar coisa nenhuma:

eu já sou neurótico
diferente apenas de você
por ser um neurótico consciente.

Não, não me olhe atravessado.
Todo o homem é neurótico.
Se o soldado tem neurose de guerra
o homem tem neurose de vida.
O próprio mundo é neurótico.

Adão, ao comer a maçã,
já era um neurótico,
já estava farto do Paraíso.
Desde então a neurose
tornou-se hereditária.

Veja o chofer de táxi:
mal para o trânsito buzina.
O condutor, o padeiro,
o jornaleiro, o padre.
Neuróticos. Neuróticos.
Porém todos inconscientes.

E eu, sabendo de tudo isso
tornei-me ainda mais neurótico
e a consciência do fato
me transformou em poeta.

Atualmente acredito ser
um dos maiores, senão o maior,
poeta neurótico do mundo.

* * *

INSATISFAÇÃO PRÓPRIA

Eu sei que dói ser funcionário público.
Receber no fim do mês
um envelope de miséria
cheio de notas miseráveis.

Também sei que dói morar em apartamento,
ter que lavar toda a roupa
ter que varrer, que limpar,
e depois ir dormir sozinho.

Tudo isso dói, e dói muito.

Mas o que mais dói de tudo
é estar vivendo dentro de mim
como um calo velho
dentro de um sapato novo.

* * *

VAZIO

Murmúrio de vãs esperanças
que arrastam os meus sonhos:
haverá algum infinito
mais infinito de que minha alma?

* * *

DO COTIDIANO

A máquina e o papel
garantem-me, findo o mês,
o meu salário da fome.

As filas, elevadores,
garantem-me, findo o dia,
o esgotamento nervoso.

A comida da pensão
garante, por sua vez,
alguma dor de barriga
e, quiçá, alguma úlcera.

As raparigas amigas
garantem-me o amor.

Como posso eu dizer
que não me alegro em viver?

* * *

DO JORNAL

Apurou a reportagem
que o suspeito do crime da Lapa
após horas de tortura
confessou o horrível crime.

Mas a polícia incansável
encontrou outro suspeito
que talvez seja o assassino.

O primeiro suspeito, inocente,
após alta no Hospital das Clínicas,
voltará ao seio da família.

* * *

MOMENTO

Céu sem chuva,
torneira sem água,
boca sem sorriso,
olho sem lágrima,

mulher sem amor.

Gozada essa vida.

* * *

DO DESTINO

Tirou o fone do gancho,
ouviu o toque, discou.

Como se cruzam os destinos
as linhas também cruzaram.

Ouviu conversas de amor,
ouviu promessas de amor,
ouviu a voz da mulher,
a voz de sua mulher.

Ficou lívido, tremeu.
e embora tarde, compreendeu.

O contínuo, na manhã seguinte,
encontrou-o estirado
atrás da escrivaninha.

Na mesa, nenhuma carta.
Só guaraná, formicida,
e o silêncio negro do telefone.

* * *

POEMA DO DESENCONTRO

Ruas que terminam em outras ruas,
portas abertas para casa desconhecidas.
Gente que passa nas ruas
e gente que entra nas portas.

E as ruas são intermináveis,
as portas são intermináveis,
as gentes são intermináveis.

Cada rua um destino,
cada porta um mistério
cada gente uma vida.

Mas todos sabem sua rua,
sua porta,
sua vida.

Porém onde a minha rua?
Onde a minha porta?
Onde a minha vida?

* * *

ESCLARECIMENTOS

Vivo: é o quanto me basta.
Digam que não sei viver:
não me importa.
Que sabem os outros de minha vida?
Nada.

Todos me conhecem aparentemente:
as aparências enganam.
Se estou alegre ou triste
só a mim é que interessa.

Já me chamaram de louco

não uma, mas várias vezes.
Outros acharam-me poeta
e outros ainda, *play-boy*.
E eu que nunca pensei
pudesse ser tanta coisa...

Mas estão todos errados.
Não sou nada disso tudo.

Confio-lhes um segredo:
o que eu sou realmente
é apenas vontade de ter sido,
um depósito de sonhos irrealizados.
Estão contentes agora?

Ouçam então este pedido:
vão cuidar de suas vidas
olhem os próprios defeitos
e deixem de me amolar.

Ou melhor que tudo isso:
vão pro diabo que os carregue.

* * *

BALADA DO DEUS MENINO (Ou triste Canção de Natal)

Bate o sino
pequenino
sino de Belém,
no coração do menino
menino que nada tem.

Não tem roupas nem sapatos,
um berço onde deitar;
não tem brinquedos Estrela

mas tem todas as estrelas.

Nasceu pobre em pobre berço,
é porisso um deus-menino
o menino de ninguém.

À sua árvore de natal
a lua emprestou a luz
e ao seu presépio humilde
a noite enfeitou de estrelas.

É um menino feliz.

Mas na noite de Natal
entre as luzes da cidade
viu junto a uma vitrine
um doce que o fez lembrar
de sua mãe entevada.
(Ela muito gostaria).

Entre o doce e o menino
o desejo se reteve
no vidro intransponível
e o seu riso de inocente
de repente se apagou.

Bate o sino
pequenino
sino de Belém,
no coração do menino
menino que nada tem.

* * *

NO BAR

Os copos vão e voltam,
uma bebida mais outra.
Breves instantes de felicidade
que são vendidos em doses
que são conservados em álcool,
engarrafados como eu.

Na manhã seguinte a ressaca
e dor de cabeça; o mau hálito
e aquela mesma tristeza
da noite anterior.

* * *

VÍCIO

Queria ter a paciência
do meu cinzeiro,
que jamais reclama
por mais cheio que esteja.

Um cigarro, outro cigarro,
ele fica esperando...
Talvez diga para si:
“como fuma esse cara”.

Mas se ele visse, com eu vi,
os teus olhos de fumaça
me pediria um cigarro.

* * *

NO QUARTO

Insônia,
insônia,
insônia.

Vontade de abrir a janela
e pula do quarto andar.

Mas me falta a coragem
e sobra vontade de viver.

Também quem vai garantir
que depois de eu morrer
eu não vá conhecer outra
um pouco pior que você?

E aí,
qual seria a solução?

* * *

ALGUM DIA VOLTAREI

e então tudo será diferente.
A minha alma quadrada
irá tomar novas formas
em suas formas.

Minhas mãos até agora frias
se aquecerão
e minhas palavras vazias
se encherão de canções
e cantarão aos seus ouvidos.

O meu corpo, o seu corpo,
o calor e o desejo,
promessas e juras.

O desejo insistindo
o instinto, a moral,
mas o desejo...

Você às vezes protestando
me querendo, me afastando...

Mas depois....

Não,
é melhor eu nunca voltar.

* * *

PENSANDO

Nasci como todos nascem.
Deram-me um nome
e uma religião.
O nome eu ainda conservo.
No mais, faço versos.

Eu sei que isso não satisfaz
mas conforta.
Pelo menos a mim, conforta.

Que eu não saiba fazer versos
é certo.
Mas não me cabe a culpa.
Faço-os e pronto.

Porque escrevo essas coisas?

Não sei.
Estava sem sono
e tive vontade de escrever.

* * *

TERNURA

Você sabe de uma coisa?

A estrela que eu lhe prometi
naquela noite,
a madrugada roubou.

* * *

SOBRE NOSSAS MÃOS

Nossas mãos nunca se encontraram
nem nossos dedos se entrelaçaram
num pacto demorado
de amor.

Suas mãos sempre se detiveram
na procura
e minhas mãos cansaram-se em inúteis gestos
de encontrar as suas.

Tivéssemos porém entrelaçado as mãos
um só momento
e sua vida teria outro destino
e eu, talvez, outra felicidade.

* * *

NADA RESOLVE

Beber não resolve,
chorar também não.

Morrer não resolve
viver também não.

E ser poeta, resolve?
N – ã – O.

* * *

AO POETA MORTO

Imóvel e gelado
o cadáver do poeta

No silêncio da noite
um cadáver,
marco horizontal
entre a vida e o desconhecido.

As mãos cruzadas ao peito
retinha o último verso

O corpo do poeta ali estava
imóvel e gelado.

E sua alma?

Fugiu com a musa.

* * *

SE EU QUISESSE

eu sei que poderia ser médico
psicólogo ou parteiro,
advogado ilustre,
economista, geólogo,
ou ainda deputado,
governador, presidente.

Teria nome famoso,
sairia nos jornais,
teria vida abastada
e depois, quando eu morresse,
meu corpo em câmara ardente
no Palácio do Governo
receberia a visita
dos amigos e parentes.
Por certo dariam o meu nome
a uma rua importante
e meu túmulo de mármore
encimado por meu busto
lembraria à posteridade
que a morte e os micróbios
transformaram em lembrança
minha vida importante.

Mas eu não quero.
Porisso eu não sou médico,
advogado, nem nada.
Não vou ter nome famoso
nem sairei nos jornais.
Viverei de um salário
e depois, quando eu morrer,
meu corpo, se reclamado,
será velado em silêncio
por amigos e parentes
se eu ainda os tiver.

Não terei nome nas ruas
e meu túmulo humilde
sem placas ou inscrições
lembrará à posteridade
que a morte e os micróbios
transformaram, indiferentes
à importância do homem,
o meu corpo em alimento.

Tudo isso porque eu não quero.

* * *

A OMAR KHÁYYÁM

Taças,
taças,
taças.

Vinho,
vinho,
vinho
e mulheres para acariciar.

Ó meus amigos poetas.
Reunamos prontamente
todas as taças do mundo,
todo o vinho do mundo,
todas as mulheres do mundo,
e brindemos à memória
do mestre.

* * *

HAI-KAY

O governador decreta:
mais trinta por cento de aumento
na angústia do poeta.

* * *

RESSURREIÇÃO

Eis que no terceiro mês
o poeta morto em mim

ressuscitou.

Vagarosamente
a alma foi se abrindo
e o poeta adormecido
de repente despertou.

Eis-me aqui novamente
poeta.

Peta dos sonhos, é certo,
e dos amores, talvez.
Poeta um ano mais velho
(fiz mais um ano outro dia)
poeta um pouco mais gordo,
poeta ressuscitado.

ALELUIA!

* * *

CAMINHOS

Pensar quantos os caminhos
que já foram percorridos
inutilmente,
e os que serão percorridos
desnecessariamente,
mas que serão percorridos.

Pensar que existem caminhos
que não são para os meus passos
mas que serão pisados
por pés, não os meus,
mas por pés.

Pensar na vida...

Tão longa é a vida
e longos os caminhos
que sinto os pés fatigados
já antes de tê-los andado.

Pensar na morte...

Todos os pés que pisam os caminhos
todos os pés chegarão
cansados, mas chegarão,
e a fadiga da vida
repousará eternamente
onde findam os caminhos.

* * *

MAIO

Batendo à porta de casa
o mês de maio.

Mês das noivas,
mês das flores,
e como todos os outros meses,
mês da luta pela vida.

Mortalidade infantil,
inflação e desemprego,
FOME.
(O Rio resolve o problema
matando mendigos).

No manicômio
a razão dos loucos
transformada em risada

cessou.

Até Deus, que é Deus,
lá do céu
assiste, desconsolado,
a degradação do homem
que ele mesmo criou.

O mundo caminha à solta
porque Deus, desesperado,
perdeu o controle do mundo.

Mês de maio.
Fosse junho ou dezembro
de nada adiantaria.

A humanidade está perdida.

* * *

NOTURNO TRISTE Nº II

A música já terminara,
a chuva já terminara,
o amor já terminara.

Só neblina, o chão molhado,
eu e a rua sozinhos.

Carros fantasmas surgidos
da noite ou da neblina,
passavam deixando rastros
no asfalto.

.....

Na madrugada

o néon era um borrão vermelho.

* * *

VELHA CASA

De tudo,
restaram apenas os vasos,
as poltronas, os castiçais,
o silêncio guardando o segredo
das palavras impronunciadas
na partida.

Restou também uma lágrima
caída em qualquer canto
manchando o chão de saudade.

Talvez tenha sido porisso
que a sala ficou na lembrança
da casa abandonada.

* * *

SINAL VERMELHO

E de repente
não eram só os carros
que estavam parados,
mas todas as alegrias
e todas as tristezas.

Por um instante
a vida parou
nos gestos impacientes dos transeuntes,
na súbita indecisão dos automóveis.
Porém um sopro de vida
tocou o apito do guarda
e uma felicidade verde

brilhou aos olhos de todos.

* * *

CANTIGA DESESPERADA

O homem parado na esquina
pensa; ou não pensa?
Talvez sinta como eu
uma necessidade urgente
de dizer coisas obscenas,
de fazer coisas obscenas.

Mas pode ser que não sinta,
mas pode ser que não pense,
e pode ser, como não,
que esse homem não exista:
será imaginação
ou será a minha vista?

Espere. Agora eu percebo.
Nem mesmo a esquina existe.
Não existe rua nem nada,
nem palavras obscenas
para eu poder pronunciar.
Meu Deus, não posso pensar.
(Então, é melhor parar).

* * *

DECISÃO SÚBITA

Num canto
deixei um conto.

“Não de réis
que não existe,

ou de fadas
que eu não creio”.

Deixei um conto de amor
num canto do coração.

O coração bateu torto,
o coração bateu morto,
o canto perdeu o encanto,
a alma perdeu o pranto.

Morreu o meu coração.
morreu o conto do canto,
morreu a alma, a dor,
morreu o pranto, o amor.

Sem conto, canto, encanto,
sem alma, palma, nem calma,
em viver não mais insisto.

De hoje em diante
não existo.

* * *

POEMA ESCRITO À ESPERA DO ÔNIBUS

Um homem gordo de preocupação
transpirava impaciência
na extensa fila de ônibus.

Uns conversavam
outros não conversavam.
Outros apenas olhavam
os carros e as mulheres
recalcando desejos

A fila agora aumentava.

Chego uma mulher grávida
redonda que dava gosto.

Será um, ou serão dois,
todos os olhos diziam.

A vida sorria na tarde,
a vida sorria no ventre.

O sublime era ridículo.

Eis o ônibus faminto
a engolir toda a gente.

Primeiro a mulher grávida,
depois foi o homem gordo,
depois o empurra-empurra,
palavrões dos que ficaram.

O céu, azul de satisfação,
com o cachimbo do sol aceso
tirava longas baforadas
de nuvens.

* * *

A UM AMIGO

a Carlos Drumond de Andrade

Nunca o fizera antes.
Gosto por poesia
eu sempre tive. Pelas tuas, ainda mais.
Mas nunca comprava livros.
Emprestava-os e lia
ou ia à biblioteca.

Não que me faltasse dinheiro
para comprá-los.
Apenas não comprava livros.

Mas ontem, coisa curiosa,
senti assim, de repente,
uma necessidade imensa
de ler tuas poesias.

Era noite.

Na avenida
a livraria aberta.
Olhei o livro, comprei.

Em troca de alguns cruzeiros
levei prá casa embrulhada
encadernada,
tua alma.

Teu livro me pertencia,
tua alma me pertencia,
teus sentimentos me pertenciam.

E desde então descobri
não mais o poeta, o mestre,
mas o amigo.

Eis porque neste momento,
meu caro Carlos Drummond
escrevo-te estes versos.

Para poder como amigo,
incógnito, mas amigo,
abraçar-te poeticamente
à maneira dos poetas

amigos.

* * *

POEMA DA SOLIDÃO ABSOLUTA

Estou só. Completamente só.
No entanto,
as pessoas me rodeiam
os carros me atropelam
outros braços me abraçam
as palavras me embaraçam.

Estou sozinho no ônibus,
estou sozinho na fila,
sozinho no elevador.
Pior que tudo ainda:
estou sozinho no mundo.

Mas a família, os amigos,
a antiga namorada
que não cansa de escrever?

É mesmo, já nem me lembrava.
Jamais estive sozinho.

.....

Impossível terminar o poema.

* * *

GRITO NA NOITE

Um grito vazou a noite.

Foi um apito de trem
ou grito de mulher louca?

(Talvez alguém que morreu).

Um grito vazou a noite.

Foi grito de desespero
ou grito de alegria?
(Talvez um grito de amor).

Um grito vazou a noite.

Quem terá gritado assim
tão triste, desesperado?
(Talvez o meu coração).

* * *

TRANSFORMAÇÕES

Os amigos de ontem
trocados pelos de hoje.

Um amor esquecido na memória
e a traça da saudade
roendo a alma da gente.

O pulmão respirando novos ares
não mais o antigo.

A casa cercada de novos
vizinhos

e os olhos cheios de novas
fisionomias.

Até a família mudou.

O avô, desbravador de matas
encerrado no concreto,
desfaz-se da bagagem de coisas
que lhe pesam na memória
contando suas façanhas.

O pai, antes comerciante
sempre pacato, agitou-se.
Não é mais ele
é outro
e, no entanto, é o mesmo.

A mãe pensa diferente:
“No meu tempo”...
e o pensamento voa
e a gente houve calado
as histórias de outros tempos
e quase nem acredita.

O irmão que acorda cedo:
“Mãe, traz café”. Ela vai
levar o café na cama.

*(O cafezinho quente, tomado na cama, é talvez a
única coisa que se manteve imutável, diante de tantas
transformações havidas na família, sem nos esquecer-
mos dos sentimentos paternos e fraternos que sempre
souberam reinar no lar; motivo, aliás, de nossa tão
sempre felicidade)".*

* * *

CANTIGA LOUCA

Já bebi, fumei cachimbo,
joguei baralho, sinuca,
amei mulheres, dancei.

Agora quero cantar.
Silêncio que vou cantar.

Não tenho voz;
vou cantar.
Não tenho amor:
vou cantar.
Nem dinheiro:
vou cantar.
Cantar, cantar e cantar.

Maestro, tenha a bondade,
um dó maior: vou cantar.

Violão, me acompanha
que eu sempre fui tão sozinho.

Orquestra, preste a atenção
que agora eu vou cantar.

Ouvintes, façam silêncio,
não abafem minha voz
que agora vou cantar.

Sou homem:
quero cantar.
Poeta:
quero cantar.
Sou louco:
quero cantar.
Sou mudo:

quero cantar.

S I L Ê N C I O.

(Eis a canção)

* * *

MANHÃ CHUVOSA

Hoje, desde manhã
chovia.

Alegria havia apenas
nos pingos d'água
crianças
que brincavam deslizando
nos fios da Light, esquecidos
de sua função elétrica
transformados em brinquedos
da chuva.

E os pingos deslizavam
se encontravam, se fundiam,
em outro pingo maior
que, sentindo-se crescido,
abandonava o brinquedo
e saltava para o chão
onde desaparecia.

O céu pagava à terra
seu tributo
com moedas cunhadas
em chuva.
(Como o homem também paga
com as moedas de lágrimas).

Hoje, desde manhã,
chovia.

Alegria havia apenas
nos pingos d'água.

O mundo inteiro era triste
e o mundo, meu coração.

* * *

ONDE A JUSTIÇA?

Cachorro,
gato,
rato.

O gato matou o rato
e o cachorro o gato.

Veio o homem da carrocinha
levou o cachorro preso.

A sentença era clara:
“cachorro sem dono morre”.

O homem matou o cão.

Já nem se lembrava disso
e voltava para casa
quando um carro o matou.

O carro matou o homem,
que havia matado o cão,
que havia matado o gato,
que havia matado o rato.

Mas agora, onde a justiça
se o carro não tem vida?

* * *

HOJE

A vida fez imaginar-me poeta
e eu cantei inutilmente
ao mundo
e inutilmente desfolhei minha alma
em versos.

Nem o eco respondeu
às minhas súplicas
jogadas ao vento,

e todas as esperanças faleceram
atropeladas pela rotina
dos automóveis.

No canteiro das ilusões
ficaram as flores murchas
que nunca foram colhidas.

.....

.....

Nas origens da realidade
todos os sonhos sucumbem.

* * *

CONVITE

Irmãos,
vamos chupar laranjas.

Laranja azeda,
laranja doce,
laranja podre.
Não importa.

O essencial
é descascar a laranja
e chupá-la.

Convém cuidarmos porém
de jogar fora o bagaço.

Se a laranja é azeda
e a vida azeda,
jogue fora o bagaço.

Se a laranja é podre
e a vida podre,
jogue fora o bagaço.

Mas olhe, isto tem que ser feito,
com toda a urgência possível.
Não podemos demorar.

Pois que, passados os anos,
quando fores descascar
a laranja, tremeres;
quando tentares pegar
a laranja e chupar
a boca não permitir,
compreenderás então
que tua vida é uma laranja
que o tempo voraz chupou
e o bagaço, você.

Aí, não resta mais nada.
Nem mesmo chupar laranjas.

Irmãos,
vamos chupar laranjas
enquanto podemos.

* * *

CONCLUSÃO

Vinte e dois anos são passados
e nada se resolveu.

O mundo continua o mundo
nada mais que o mundo.

O cabelo, aborrecido,
principia a cair
de tédio.
A cabeça percebe a fuga
mas se conforma.

Os cabelos fogem,
os pensamentos fogem,
fogem os anos,
e nada se resolveu,

A vida a bater na velha tecla:
acorda, trabalha, almoça, dorme.

Um outro emprego
aumenta o salário
e a fadiga.

Os poemas continuam difíceis
e o poeta irrealizado.

Alguma carta recebida,
alguns amores passageiros,
alguns amigos de infância.

Tudo tão fácil, inútil,
que às vezes não compreendo
porque respondo as cartas,
retribuo os amores,
converso com os amigos.

Vinte e dois anos são passados.

Vejo tudo, tudo tão claro,
conheço tanto da vida,
penso, comparo e concluo
que nada se resolveu.

Nem nunca resolverá.

* * *

São Paulo, setembro de 1963.

Digitalizado em abril de 2.012, pelo autor.